

SÃO BOAVENTURA E OS SEUS ENSINAMENTOS, NO SÉCULO XIII, SOBRE O CONHECIMENTO PELA EXPLICAÇÃO DIVINA

SAINT BOAVENTURA AND HIS TEACHINGS, OF THE CENTURY XIII, ON THE KNOWLEDGE FOR THE DIVINE EXPLANATION

Conceição Solange Bution Perin¹
Terezinha Oliveira²

Resumo

Neste artigo, analisaremos alguns ensinamentos propostos por São Boaventura de Bagnoregio em uma das conferências que realizou na Universidade de Paris, no final do século XIII. Segundo ele, era necessário conhecer a forma de criação do universo para agir de acordo com os ensinamentos divinos, especialmente no dia-a-dia das pessoas de seu tempo em face de algumas das questões relacionadas ao desenvolvimento do comércio, como a exigência de novos conhecimentos, a proximidade com outras culturas. Expressando algumas mudanças educacionais que estavam ocorrendo para uma reorganização de comportamentos sociais, na conferência analisada, o mestre franciscano explicitava que o conhecimento do mundo exigia a reflexão e a capacidade para reconhecer que todas as coisas eram criadas por Deus, inclusive as alterações de ações e comportamentos, ou seja, que o mundo se explicava pelos ensinamentos divinos. Para Boaventura, o conhecimento estava pautado em Deus, no sentido de que, se existia razão, inteligência, possibilidade de compreender o mundo, era porque o Criador deu aos homens a propriedade do intelecto e, por meio deste, as condições de reflexão. Esse autor, chamado por estudiosos, como Bougerol, de místico³, estabelecia uma série de relações entre o divino e o terreno e explicava cada uma delas por meio das palavras de Deus. Desse modo, buscava provar e argumentar que o homem, assim como tudo no Universo, tinha sido criado por Deus. Ao mesmo tempo em que propunha o caminho do intelecto para entender os ensinamentos divinos, afirmava que a inteligência deveria ser instruída pela Sagrada Escritura.

Palavras-chave: História da Educação. Universidade de Paris. São Boaventura. Idade Média.

Abstract

In this article, we will analyse some teachings proposed by Saint Boaventura de Bagnoregio in one of the conferences that it carried out in the University of Paris, in the end of the century XIII. According to him, it was necessary to know the form of creation of the universe in order that the proximity acted in accordance with the divine teachings, specially in day by day of the persons of his time in view of some of the questions made a list to the development of the commerce, like the demand of new knowledges, with other cultures. Expressing some education changes that were taking place for a reorganization of social behaviours, in the analysed conference, the Franciscan master was setting out that the knowledge of the world was demanding the reflection and the capacity to recognize that all the things were created by God, including the alterations of actions and behaviours, in other words, that the world was explained by the divine teachings. For Boaventura, the knowledge was ruled in God, in the sense of which, one was existing reason, intelligence, possibility to understand the world, it was because the Creator gave to the men the property of the intellect and, through this, the conditions of reflection. This author called by scholars, as Bougerol⁴, of místico¹, was establishing a series of relations between the Holy

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação- PPE/UEM/CAPES.

² Doutora em História. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPE/UEM e do Departamento de Fundamentos de Educação - DFE/UEM.

³ Boaventura era considerado místico por alguns estudiosos porque explicava o homem e o uso do intelecto por meio de Deus, afirmando que o intelecto, criado por Deus, e o corpo não poderiam se separar, uniam-se formando o homem. O uso do intelecto, segundo ele, deveria ser seguido pelos ensinamentos da Sagrada Escritura, pois “[...] aquele que se une ao Senhor constitui com ele um só espírito” (1, Cor. 6, 17).

⁴ Boaventura was considered a mystic by some scholars because it was explaining the man and the use of the intellect through God, affirming that the intellect created by God, and they might not separate the body, they were joining forming the man. The use of the intellect, according to him, should be followed by the teachings of the Sacred Scripture, since “[...] that what joins a Sir constitutes with him an alone spirit” (1, Cor. 6, 17)

Ghost and the land and was explaining each one of them through the God's words. In this way, it was looking to try and to argue that the man, as well as completely in the Universe, had been a servant for God. At the same time in which it was proposing the way of the intellect to understand the divine teachings, it was affirming that the intelligence should be instructed by the Sacred Scripture.

Key words: History of the Education. University of Paris. He is Boaventura. Middle Ages.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, temos como propósito analisar algumas alterações ocorridas no processo educativo da universidade parisiense, na segunda metade do século XIII, quando era evidente que os homens questionavam a nova forma de interpretação de mundo relacionada à comercialização, à ambição de conhecer o mundo pela descoberta de novas culturas e novas terras, à convivência com outros povos, dentre outros aspectos que se destacaram no mundo do comércio e da conquista da riqueza. A proposta é analisar algumas das razões que levaram Boaventura de Bagnoregio (1217-1274) a colocar na ordem do dia o debate sobre o uso do intelecto para apreender os ensinamentos da Sagrada Escritura, uma vez que, para ele, as ações humanas não poderiam ser entendidas sem a explicação divina.

Para melhor compreensão de seus ensinamentos, dentre as vinte e três⁵ conferências realizadas na Universidade de Paris, faremos um estudo da *Décima Terceira Conferência*, na qual ele discursou acerca da inteligência pautada na Sagrada Escritura, procurando mostrar aos homens do seu tempo que crer em Deus e nas palavras divinas possibilitava a unificação do conhecimento interior (fé) com as atividades terrenas (relações sociais).

Suas discussões baseavam-se nos caminhos pregados na Sagrada Escritura e, como entendia que as reflexões se relacionavam a ensinamentos e aprendizagens que propiciassem uma melhor compreensão de Deus e de mundo, ele propunha

que fossem realizados no interior da Universidade.

Para Urbano Zilles (1996), a compreensão de mundo, possível pela inteligência “natural”, correspondia à possibilidade de o homem conhecer tudo que Deus preparou e colocou à sua disposição para ser usado para o bem.

Para Boaventura, o conhecimento de Deus não é um conhecimento ao lado de outros. Ao dizer que o homem tem de Deus uma idéia inata, não entende que possua uma visão imediata de quem seja Deus, uma intuição de Deus a modo do ontologismo. Boaventura quer dizer que este conhecimento é a possibilidade primeira na qual se realiza todo e qualquer conhecimento. Deus é a luz, sob cuja luminosidade todos os entes são entendidos, e na medida em que ilumina os entes, é conhecido ele próprio (ZILLES, 1996, p.101-102).

Zilles afirma também que Boaventura colocava Deus como premissa e luz de qualquer compreensão ou conhecimento. Essa luz representava o entendimento do Criador e, conforme a Sagrada Escritura, revelava por meio das palavras sagradas o caminho do entendimento para os comportamentos e ações humanas. Ou seja, ele ensinava os homens a pautarem a vida nos ensinamentos sagrados.

De nossa parte, consideramos que, para compreender melhor as explicações e preocupações de Boaventura, devemos, *a priori*, entender que o cotidiano parisiense do final do século XIII evidenciava a re/organização desencadeada ou expressada pelo desenvolvimento do comércio. Para nós, essas mudanças, que já ocorriam e que, paulatinamente, mostravam-se mais fortalecidas, também explicitavam, cada vez mais, a dúvida sobre o papel do conhecimento por meio da Escritura.

Boaventura analisou essas alterações e, por isso, pautou seu ensino nas ações que os homens estavam realizando. Suas preocupações centravam-se nas questões que deveriam ser entendidas pelas explicações divinas, mas que

⁵ Boaventura, no final do século XIII, realizou vinte e três conferências na Universidade Parisiense. Nessas conferências, abordava explicações sobre a criação do mundo e a forma de comportamento que os homens deveriam ter na terra, para conseguirem a vida eterna. O autor, em todas as conferências, unia o desenvolvimento do intelecto, pautado nos ensinamentos divinos, com as ações humanas. Boaventura questionava os ensinamentos que estavam sendo ministrados dentro da universidade e que não eram fundamentados nas palavras sagradas.

eram analisadas pelo raciocínio visual, contemplativo e não reflexivo. Ele explicava que os homens viam as coisas ao seu redor, mas não conseguiam ou não se preocupavam em compreender sua origem. Logo, o entendimento, muitas vezes, restringia-se à contemplação, sem a reflexão.

Nos ensinamentos da *Décima Terceira Conferência*, Boaventura afirma que tudo deve ser alvo da reflexão e que esta reflexão só poderia acontecer se houvesse o desenvolvimento da inteligência dada por Deus. Esta inteligência levaria o indivíduo a analisar e compreender a sua fé, a complexidade das coisas postas no mundo e qual sua finalidade para a vida “Trata-se de conhecer não o que as coisas são, mas o que significam e representam, como imagens dessa imensa sabedoria divina” (ZILLES, 1996, p.104).

De acordo com Zilles, Boaventura considerava que as coisas deveriam ser entendidas na sua essência, ou melhor, conhecidas por sua representação no mundo. Se Deus as criou para uma finalidade, o indivíduo deveria procurar conhecê-la e entendê-la, pois assim entenderia a sabedoria divina.

DÉCIMA TERCEIRA CONFERÊNCIA

A *Décima Terceira Conferência* que Boaventura proferiu na Universidade de Paris trata da inteligência desenvolvida pela Escritura Sagrada, especialmente da idéia de que ela possibilitaria aos indivíduos entenderem, pelo pensamento reflexivo, os ensinamentos divinos.

Qui peut connaître la totalité infinie des semences quand, dans une seule, sont déjà contenues des forêts de forêts et par suite une infinité de semences? De memê, à partir des Écritures peut être développée une infinité de théories, que nul nouvelles semences proviennent des plantes, comme les nouvelles théories et les nouveaux sens des Écritures, et pour cette raison on analyse la Sainte Écriture. C'est pourquoi toutes les théories que l'on développe, comparées à celles qui pourraient l'être, son comme une goutte d'eau tirée de la mer (BOAVENTURA. *Décima Terceira Conferência*, § 02, p. 302).

Para Boaventura, o homem poderia ter diferentes interpretações de mundo e estas

poderiam ser comparadas às sementes que davam as flores e, sucessivamente, às flores das quais se originavam as sementes. Porém a verdadeira interpretação, asseverava Boaventura, estava na Sagrada Escritura. As palavras de Deus favoreciam uma interpretação única, quando bem analisadas e entendidas reflexivamente. Do contrário, se não fossem bem analisadas à luz da Escritura Sagrada e conhecidas pelo uso do intelecto, as diversas teorias corresponderiam apenas a mais uma gota de água do mar.

Os ensinamentos boaventurianos colocavam como primordial o desenvolvimento intelectual. Era por meio do intelecto que o homem deveria analisar as palavras divinas, as quais, quando bem entendidas, poderiam corresponder a sentimentos de humildade, caridade e desapego dos bens materiais. Logo, a fé em Deus e em suas palavras era, sem dúvida, sinônimo de resistência às tentações oferecidas pelo dinheiro. Para exemplificar essa questão, apresentamos uma passagem em que De Boni analisa alguns pontos da Regra de Francisco de Assis que foram priorizados por Boaventura para mostrar que o desenvolvimento da inteligência levava à humildade na visão e na interação com o mundo.

Todos os irmãos, onde quer que estejam junto a outras pessoas, não sejam camareiros ou chanceleres, nem presidam as honras daqueles a quem servem; nem aceitem qualquer cargo que provoque escândalos e prejuízo para a alma, mas sejam menores e submissos a todos os que residem na mesma casa [...]. Cuidem os irmãos de não se apossar de nenhum lugar ou coisa, nem tomem a defesa de propriedades alheias [...] Se encontrarmos dinheiro, não lhe demos importância e o consideremos com a poeira que calcamos aos pés [...] Quando for necessário, os irmãos peçam esmolas. E não devem envergonhar-se, mas lembrar-se sobretudo que Nosso Senhor Jesus Cristo [...] não se envergonhou. Foi pobre, peregrino, viveu de esmolas, ele com seus discípulos (FRANCISCO DE ASSIS apud DE BONI, 2003, p. 218).

A citação acima nos permite compreender que a forma de vida que os homens levavam na terra estava relacionada com a maneira de cada um desenvolver seu intelecto, ou seja, aqueles que seguiam os mandamentos deixados por Deus faziam da bondade uma regra do seu cotidiano.

Para Boaventura, São Francisco concebia que a vida deveria se pautar na humildade, na pobreza, nos ensinamentos de Deus e nas ações que seguiam as de Cristo na terra. Em sua obra *Legenda Maior e Legenda Menor: vida de São Francisco de Assis*, Boaventura afirmou que, para São Francisco,

A humildade, defesa e ornamento de todas as virtudes, havia cumulado o homem de Deus de bens superabundantes. Aos próprios olhos, era apenas um pobre pecador. Na realidade, porém, era o espelho resplendente de toda santidade. Como um arquiteto prudente, que começa pelas fundações, ele se empenhou de corpo e alma a construir unicamente sobre a humildade, conforme aprendera de Cristo. “O Filho de Deus, dizia ele, deixando o seio do Pai, desceu das alturas do céu até a nossa miséria para nos ensinar a humildade. Ele, que é o Senhor e o Mestre, tanto pelo exemplo quanto pela palavra.” Por isso, como verdadeiro discípulo de Cristo, procurava diminuir-se aos próprios olhos e dos demais [...] (BOAVENTURA, *Legenda Maior e Legenda Menor: vida de São Francisco de Assis*, § 01, p. 56).

As discussões realizadas por São Francisco e retomadas por Boaventura tinham como centro a desvinculação de qualquer bem material ou poder. Ambos procuravam mostrar aos homens que os valores correspondentes à humildade e ao respeito para com os outros estavam sendo esquecidos e desvalorizados em razão das coisas terrenas, as quais eram consideradas pelos indivíduos como essenciais.

Por isso, Boaventura enaltecia a inteligência e asseverava que, sendo ela dada por Deus, os indivíduos deveriam saber como usá-la e desenvolvê-la. Segundo ele, somente pelo intelecto é que os homens poderiam discernir os caminhos propostos pelo poder divino. Esses conhecimentos deveriam ser ensinados na universidade porque este seria um lugar de reflexão e de questionamentos. Os debates, entre professores e alunos, sobre os temas discutidos pelos pensadores do passado, como Platão e Aristóteles, favoreciam o surgimento de uma série de dúvidas sobre questões até então consideradas como verdade, obrigando uns e outros a pensar nelas. Um exemplo é a severa crítica de Boaventura à interpretação averroísta do

pensamento de Aristóteles ensinada na Universidade de Paris. Conforme nos informa De Boni:

[...] ao expandir-se na universidade o movimento averroísta, o conservadorismo que se encerrava na posição boaventurina foi levado às últimas conseqüências. Para ele, a disputa com os averroístas não representava uma mera questão acadêmica, calorosamente defendida, mas sem maiores efeitos. A seu modo de ver, encontrava-se em jogo toda uma compreensão da existência cristã. Visado, portanto, não era diretamente o Aristóteles histórico, mas os novos filósofos que, atendo-se exclusivamente ao legado peripatético, não transpunham os limites a que este se atinha. Apelando para Aristóteles, os averroístas ameaçavam cindir a unidade do saber humano e, mais do que isto, a unidade de uma visão de mundo da tradição cristã (DE BONI. *São Boaventura: Obras Escolhidas*, p.XVIII).

Nessa crítica, Boaventura defendia outra forma de entender os ensinamentos de Deus e a vida cristã. Segundo ele, os ensinamentos divinos não seriam entendidos totalmente pela razão, mas pela associação entre razão e fé. Portanto, para Boaventura, os mestres da universidade deveriam se preocupar em levar os alunos a associar o conhecimento e a reflexão. Desta forma, eles analisariam os temas em debate e saberiam que as condições de abstração e interpretação só eram possíveis porque Deus lhes tinha dado essa possibilidade.

Ao analisar a inteligência e o poder de abstração, ele faz uma analogia com as águas que se deslocam das nuvens, dos rios e das fontes, mostrando que elas vêm dos mares, da mesma forma que a inteligência espiritual vem da Escritura, por meio da qual Deus propicia a interpretação de todas as coisas do mundo.

[...] <<La terre est remplie de la science du Seigneur, comme les eaux recouvrant les mers>>, et ce qui précède : << Ils ne nuiront pas et ne tueront pas sur toute la montagne sainte, car la terre sera remplie de la science du Seigneur comme les eaux recouvrent le fond de la mer>>, et encore : << un lieu de fleuves et de canaux très larges>>, et le heureux pays,

un pays froment>> etc., et puis : << un pays de cours d'eaux et de sources>>. Partout, par la diversité des eaux et signifiée la multitude des intelligences de l'Écriture dans le sens historique, allégorique ou moral, soit dans le texte soit dans les commentaires des Pères (BOAVENTURA, *Décima Terceira Conferência*, § 03, p. 304).

A ciência correspondia à criação minuciosa do Criador de tudo o que estava na terra, inclusive o homem, que foi criado por Deus com todas as condições de desenvolvimento físico e intelectual. Dessa forma, tudo era perfeito e tinha um significado, um entendimento. Bastava ao homem, por meio da ciência ou da análise e interpretação das coisas, compreender que, embora Deus fosse abstrato, perceptível somente pela fé, sem a possibilidade de explicitar as coisas diretamente aos indivíduos, seus ensinamentos estavam explicados na Sagrada Escritura, podendo ser entendidos e seguidos com o uso da sabedoria.

Para explicar essa questão sobre Deus (abstrato) e a própria abstração que o Senhor permitia aos homens, Boaventura retomou a discussão sobre a compreensão das letras e das palavras, já realizada por outros pensadores, como Hugo de São Vitor⁶, que, ao se pronunciar sobre *A ordem da exposição do texto*, disse o seguinte:

A exposição de um texto contém três elementos: 1) a letra, 2) o significado, 3) o pensamento. Em toda narração há a letra, pois as próprias vozes são letras, mas o significado e o pensamento não se encontram juntos em todas as narrações. Algumas contêm somente a letra e o significado, outras somente a letra e o pensamento, algumas os três elementos juntos. Toda narração deve ter ao menos dois elementos. Possui somente letra e significado a narração na qual, pelo próprio enunciado algo é significado tão claramente, que nada mais resta a subentender. Possui somente a letra e

pensamento aquela narração na qual o ouvinte não pode conceber nada a partir da sua enunciação, se não é acrescentada uma exposição (HUGO DE SÃO VITOR, *Didascálicon*, p.257).

Segundo Hugo de São Vitor, seria necessário haver uma complexidade de pensamento para compreender o significado de um texto, uma vez que o sentido de seus signos somente seria apreendido pelo uso da reflexão. As letras e as palavras seriam os signos mais completos de abstração e significados, de forma que o indivíduo, para entender a mensagem oral ou escrita, teria que abstrair as letras e formar as palavras, que correspondiam a uma interpretação de sons ou de textos e produziam a comunicação entre duas ou mais pessoas.

Or l'Écriture a de nombreuses intelligences, parce que telle doit être la voix de Dieu afin d'être <<sublime>>. Les autres sciences sont contenues sous un seul sens, mais en elle le sens est multiple, et les mots et les choses signifient. Or dans les autres sciences les mots seuls signifient, parce que chaque doctrine est déterminée par des signes qui lui conviennent. Aussi les lettres e les mots, dont les lettres sont les principes, sont les signes des intellectes sont limités et finis, pour cette même raison les mots le sont également, afin que, le nom étant posé, il n'y ait pas d'usage équivoque (BOAVENTURA, *Décima Terceira Conferência*, § 10, p. 306).

Para Boaventura, a Sagrada Escritura representava as letras e as palavras de Deus, ou os ensinamentos divinos, que poderiam ser entendidos pelo pensamento reflexivo, também favorecido pelo Criador. Ou seja, Deus teria criado o intelecto para que, por meio dele, o homem, compreendendo e fazendo uso das palavras e dos significados também criados pela mesma força divina, pudesse explicá-lo como o criador das almas, da inteligência, das palavras, dos signos e do sentido que os signos exprimiam.

Ao analisar uma de suas discussões sobre a importância do desenvolvimento da inteligência para o entendimento das coisas, percebemos que seu ponto central é a crença em Deus. Somente por meio da crença na existência do Criador é que os homens poderiam observar suas criações e agir conforme seus ensinamentos.

⁶ Segundo De Boni, no livro *São Boaventura: Obras Escolhidas*, 1983, p.XVII, "A Escola de São Vitor, através de seus dois mais conhecidos representantes, Hugo e Ricardo, é patrimônio comum dos textos do século XIII. De Hugo, Boaventura retira esquemas que lhe permitem escrever *A Redução das Ciências à Teologia* e parte do *Brevilóquio*. Há traços importantes desta escola também nos estudos bonaventurinos sobre a Trindade e a mística".

A COMPREENSÃO DE DEUS CONFORME TRÊS SEGUIMENTOS: CRER, OBSERVAR E FAZER

De acordo com Boaventura, a manifestação de Deus nos homens e em sua compreensão das coisas se dava por três seguimentos: pela substância, pela percepção e pela ação. O autor explica que essa tripla manifestação se traduz na atitude de crer no Criador, observar o que ele criou e fazer o que ele deixou como ensinamento. Ele justifica sua explicação da seguinte maneira: “[...] *toute créature représente Dieu, qui est Trinité, et comment parvenir à lui. Et parce qu’on parvient à Dieu par la foi, l’espérance et la charité* [...]” (BOAVENTURA, *Décima Terceira Conferência*, § 11, p. 307).

Essas atitudes eram denominadas por Boaventura como tripla inteligência espiritual. O homem tinha que usar a sua inteligência em três processos: visualizar e procurar entender; contemplar e acreditar no que via; juntar a visualização, a contemplação e a ação, ou seja, falar, ler e responder, em forma de ação, aquilo que o intelecto havia interpretado.

As explicações boaventurianas centravam-se em mostrar a existência do Sagrado e da divindade. Nelas, os números tinham um papel muito importante, principalmente as subdivisões que ele criava para facilitar o entendimento. A trindade, por exemplo, estava em todas as coisas que explicavam o ser humano. Nesse caso, o número três representava o Pai, o Filho e o Espírito numa só pessoa, ou seja, Deus, e, uma vez que ele era o criador de tudo, o entendimento reflexivo passaria por três fases, tornando perceptível sua presença em todas as coisas.

[...] à cause de l’origine primitive, de la très profonde élévation et la très abondante variété des intelligences spirituelle. C’est pourquoi, comme il y a trois personnes et une seule essences, il y a ainsi trois intelligences dans l’unique surface de la lettre. C’est ainsi par conséquent, que Dieu donne la science de l’Ecriture (BOAVENTURA, *Décima Terceira Conferência*, § 11, p. 307).

Boaventura afirmava também que, muitas vezes, a consciência, entendida como a razão humana, se enganava. Interpretando mal determinadas coisas, o homem poderia agir de maneira considerada errada pelos mandamentos

divinos. No entanto, se o intelecto fosse utilizado de forma bem refletida antes da ação e se as três inteligências espirituais seguissem as palavras de Deus, dificilmente o indivíduo escolheria o caminho desvirtuoso para agir.

No contexto das grandes mudanças educacionais do século XIII e como um dos docentes da Universidade de Paris, Boaventura tratou o conhecimento com base na Sagrada Escritura, contradizendo, assim, alguns mestres que pautavam o conhecimento na divisão entre a Teologia e a Filosofia. Ele fundamentava suas discussões na Teologia, procurando convencer os homens de que os ensinamentos de Deus estavam na Sagrada Escritura, que a reflexão sobre as coisas terrenas só poderia ser realizada por meio da fé em Deus e que somente os escritos divinos esclareceriam a existência do Criador. Conforme De Boni,

Para Boaventura, era impossível fazer uma Filosofia que não se encontrasse de todo envolvida pela Teologia. Não que lhe negasse um âmbito próprio e um método específico, mas por não julgar admissível uma Filosofia que operasse como se a revelação sobrenatural ainda não tivesse contato com a história dos homens. Uma tal Filosofia seria a ruptura de toda a unidade e o fim do pensamento cristão (DE BONI, *São Boaventura: Obras Escolhidas*, p. XIX).

Nesse sentido, a própria Filosofia seria entendida pela Teologia, porque, como Deus deu a vida aos homens e deles a tirava, era ele que explicava todas as dúvidas humanas. Segundo o autor, os seres humanos, quando morriam, voltavam à sua origem e, para chegar ao paraíso, assim denominado por Boaventura, era necessário que o indivíduo soubesse percorrer o seu caminho na terra, discernindo os valores morais e intelectuais, conforme os ensinamentos deixados por Deus: “[...] *l’Esprit saint instruit l’homme prudent de ceux à qui il doit adresser sa prédication par où elle doit commencer, et où doit s’achever*” (BOAVENTURA, *Primeira Conferência*, § 0, p. 101).

Com base nesse princípio, Boaventura esclarecia as implicações do demasiado poder que Deus exercia sobre a vida dos homens, ponderando sobre a necessidade de formular uma interpretação da Sagrada Escritura, um entendimento reflexivo das palavras nela contidas.

Ele ainda afirmava que a Teologia e a Sagrada Escritura eram distintas, porém se fundiam em uma só explicação. Uma vez que falavam de Deus, não deveria haver distorção das palavras divinas ou dos ensinamentos que Deus deixou aos homens: *“La théologie et l'Écriture sont distinctes, mais la structure de la théologie est celle de l'Écriture. La théologie et l'Écriture traitent de Dieu, elles sont unifiées par un même objet et non pas incertaines”* (BOAVENTURA, *Les six jours de la création*. Introdução, p. 56).

Ao criar essa subdivisão de entendimentos, que exigiam dos indivíduos o raciocínio lógico como opção de compreensão, ele pautava o ensinar e o aprender na ciência. Assim, por meio da ciência, ele ampliava a forma de mostrar aos homens que os seres humanos (animais racionais), para se diferenciarem dos demais animais, precisavam desenvolver a inteligência inata, dada pelo Criador. Ele considerava a ciência como um quesito primordial para essa compreensão. Ao mesmo tempo, entendia que cada época se fundamentava em um entendimento, o qual, por sua vez, destinava-se a ser uma explicação para as próprias exigências. As ciências de épocas anteriores teriam se tornado uma estrutura para o entendimento de períodos posteriores. Isto é, para o autor, cada momento desenvolvia uma ciência que explicava as questões vigentes e, ao mesmo tempo, favorecia o desenvolvimento humano e intelectual, as conquistas e as descobertas relacionadas às ciências posteriores, que ele considerava mais complexas.

Les sciences antérieures fournissent leurs principes aux science postérieures. Et dans cette hiérarchie nouvelle les sciences antérieures sont plus simples et les plus élémentaires, celles qui servent d'instruments aux sciences plus complexes (BOAVENTURA, *Les six jours de la création*. Introdução, p. 59).

Boaventura concebia o conhecimento como prioridade essencial para a vida do homem, já que, por meio da ciência, este conseguia refletir sobre o universo. Dessa forma, por meio das explicações de Deus, ele procurou avaliar a necessidade de se entender o mundo da época, cujas prioridades eram, em grande parte, o comércio que estava paulatinamente se expandindo, o dinheiro, o conforto e o luxo.

Para Boaventura, o homem precisava da sabedoria e do conhecimento, mas esses sentimentos seriam bem usados quando tivessem a elevação e o reconhecimento de Deus. Portanto, era necessário que os indivíduos soubessem interpretar as palavras do Criador.

Portanto, aquele que quer elevar-se a Deus deve evitar o pecado que desfigura a natureza [...] para adquirir pela oração a graça que reforma, por uma vida santa a justiça que purifica, pela meditação a ciência que ilumina, pela contemplação a sabedoria que aperfeiçoa. E, como ninguém chega à sabedoria sem a graça, sem a justiça e sem a ciência, assim também ninguém pode chegar à contemplação sem uma meditação profunda, sem uma vida pura e sem uma oração fervorosa. Ora, a graça é o princípio da retidão da vontade e da iluminação da inteligência. Por conseguinte, devemos antes de tudo orar, depois viver santamente e, enfim, aplicar nosso espírito às belezas da verdade e nos elevar gradativamente, contemplando-as, até chegarmos à *montanha excelsa*, onde se vê o sumo Deus no esplendor de sua glória (DE BONI, *Boaventura: Obras Escolhidas*, p. 170).

As discussões desse autor revelam sua angústia em face da mudança na educação dos homens, especialmente no que diz respeito a uma nova forma de pensar, de agir e de se relacionar. De acordo com Bougerol,

Ainsi le clergé prête à la critique et ceux qui le regardent avec de la jalousie et parfois de la haine sont précisément les nouveaux venus dans la vie sociale, les bourgeois, marchands et artisans qui n'ont que faire des atonôtres et des processions et préfèrent de beaucoup les gains substantiels que leur procurent le crédit et l'usure. Les moeurs des seigneurs retour d'Orient vont dans le même sens. Chacun cherche son confort par l'argent (BOUGEROL, *St Bonaventure et la sagesse chrétienne*, 1963, p.09).

Boaventura compreendeu que as mudanças que estavam se evidenciando, principalmente as relacionadas ao comércio, dificilmente seriam revertidas porque já faziam parte do cotidiano de

sua época. Entretanto, a fé em Deus e o entendimento das suas palavras não poderiam deixar de ser estudadas e compreendidas reflexivamente.

O percurso terreno, para Boaventura, deveria ser realizado de acordo com aquilo que o Criador deixou revelado em suas palavras. Isto é, o homem deveria sempre buscar o bem do espírito, não o caminho que priorizasse os bens materiais. Desse modo, ele se fundamentou na Bíblia, tentando convencer os homens de que, na criação do indivíduo, Deus lhe deu a sensibilidade de, por meio dos sentidos, analisar as substâncias do mundo. Essa sensibilidade revelaria o prazer, o desejo, a beleza e vários outros sentimentos. Eis como ele explicitou essa idéia:

Deve-se notar em primeiro lugar, que este mundo sensível, chamado <<macrossomo>> - isto é, grande mundo – penetra em nossa alma, denominada <<microssomo>> - ou seja, pequeno mundo – pela porta dos cinco sentidos, de três maneiras: pela percepção das coisas sensíveis, pelo prazer que a alma experimenta nesta percepção e pelo juízo que destas coisas ela faz.
[...]

Quando a percepção tem por objeto uma coisa que nos convém, então ela vem acompanhada de prazer. Efetivamente, o sentido se compraz no objeto percebido mediante a imagem ou semelhança abstraída dele, seja por causa de sua beleza – quando se trata da vista – seja por causa de sua suavidade – como no olfato e no ouvido – seja por causa de sua salubridade – quando se trata do gosto e do tato. Mas a razão de todo prazer é a proporção. Ora, a imagem donde provém o prazer é simultaneamente forma, virtude e ação. É forma em relação ao objeto donde emana. É virtude ou potência em ordem ao meio pelo qual passa. É ação em razão ao término sobre o qual age (DE BONI, *Boaventura: Obras Escolhidas*, p. 174-176).

Segundo ele, a sensibilidade humana estava ligada à inteligência, ou seja, o homem com sensibilidade aguçada tinha, normalmente, o intelecto desenvolvido. Por isso, era capaz de perceber que os sentidos facilitavam a compreensão do mundo e das coisas que o compunham. Não bastava o visual, era preciso,

também, estimular os outros sentidos para, juntos, formarem o objeto na sua totalidade, tornando possível compreender a sua criação e finalidade da sua criação.

Essas questões, para Boaventura, poderiam ser entendidas pelos indivíduos, mas, para tanto, seria necessário que ele fizesse uso da reflexão, ou seja, desenvolvesse o intelecto que Deus criara e dera aos homens. Com o desenvolvimento intelectual, o indivíduo teria sabedoria e capacidade de reflexão para compreender tudo que o Senhor tinha disposto para favorecer a vida terrena.

Por essas e outras discussões de Boaventura, alguns autores consideram-no como um dos maiores intelectuais da Universidade de Paris, no século XIII. Ele teria ensinado, mostrado a seus ouvintes a possibilidade de entender o mundo com base nas instruções sagradas.

A universidade, nesse momento, era um local caracterizado por grande diversidade cultural, porque estudantes e mestres vinham de vários países para receber ou dar ensinamentos conforme suas atividades.

A universidade como uma grande instituição humana só pode ser entendida como o local onde, efetivamente, os homens viveram, vivem e difundem suas experiências mais profundas e importantes no que diz respeito à busca do conhecimento total, da verdade. A universidade não é e não deve ser encarada como uma instituição a mais de ensino ou, pelo menos, não poderia ser vista desta maneira. Ela é o local onde se mantém a busca pela universidade do saber. Nesse sentido, não podemos pensar a Universidade medieval como uma simples instituição do mundo feudal, mas como a instituição criada pelos homens para preservar e criar o conhecimento universal, um espaço novo onde o conhecimento cristão assimila, rechaça, convive com o mundo pagão [...] (OLIVEIRA, *As Universidades na Idade Média*, 2005, p. 29).

Dentre as corporações universitárias, algumas, segundo Steenberghen (s.d., p. 90), sobretudo as da França (Notre-Dame e São Vitor), tornaram-se célebres na Idade Média. Os universitários ansiavam pelo saber, pela discussão das questões que predominavam na nova

sociedade, a exemplo da comercialização, das descobertas, da convivência com outros povos etc.

Boaventura compreendia as necessidades postas e, também, que as exigências que os homens tinham desenvolvido abrangiam a conquista de novos espaços e as alterações no conhecimento. No entanto, para ele, os ensinamentos de Deus não poderiam ser esquecidos e os homens deveriam segui-los com base na análise minuciosa do mundo e das coisas que o compunham. Isso só ocorreria se os indivíduos soubessem como agir na terra conforme os ensinamentos divinos. Por isso, ele abordava essas questões em suas obras e fazia relações necessárias entre o uso do intelecto e a purificação da alma. Mostrava que o uso da reflexão favorecia a boa compreensão da Sagrada Escritura e levava os homens a colocar Deus como mediador de todos os costumes e ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a influência do pensamento de Boaventura foi de suma importância para a educação da época, na medida em que suas conferências favoreceram um embate no interior das universidades. Com base na Sagrada Escritura, ele explicou o mundo e utilizou o entendimento e a análise das questões postas por Deus como ensinamentos para os homens na terra.

Na conferência que analisamos neste estudo, Boaventura tratou do intelecto humano e da importância do desenvolvimento intelectual para o entendimento das questões divinas, uma vez que entendia que eles eram imprescindíveis para a organização da sociedade. Segundo ele, Deus direcionava para a bondade, para a humildade e para o desapego dos bens materiais.

Por isso, ele procurou retomar com seus alunos alguns aspectos cristãos que estavam sendo esquecidos pela sociedade, mas que eram essenciais para o esclarecimento das coisas terrenas, criadas por Deus. Em sua teoria, ele criou uma subdivisão de entendimentos que exigiam dos indivíduos o raciocínio lógico como opção de compreensão. Assim, por meio da ciência, ele ampliava a forma de mostrar aos homens que os seres humanos (animais racionais), para se diferenciarem dos demais animais, precisavam desenvolver a inteligência inata, dada pelo Criador.

Além disso, ao mostrar aos indivíduos que a vida terrena deveria perpassar pelos ensinamentos cristãos, sempre pensando na sociedade, na forma como suas ações comprometeriam e auxiliariam a convivência com o amor e a fraternidade, suas discussões revelavam uma preocupação com a educação dos homens no século XIII.

Os ensinamentos de Boaventura tinham como objetivo mostrar à sociedade que os ensinamentos divinos, mesmo com as alterações sociais, deveriam ser refletidos e seguidos com mudanças de comportamentos e de sentimentos. Segundo o autor, as transformações ocorriam, mas embora fossem realizadas pelos homens, todas elas só eram possíveis porque Deus, com sua sabedoria, as oportunizava.

O autor procurava convencer os indivíduos de que a sabedoria e o entendimento eram necessários para a reflexão e esta, por sua vez, favorecia a compreensão e a interpretação da Sagrada Escritura, de forma a orientar as ações dos homens na terra. Assim, apesar das mudanças, a sociedade poderia caminhar pelos preceitos cristãos.

Finalizando, a proposta central neste artigo foi mostrar que as discussões do autor indicavam as mudanças de ações e de pensamento que estavam ocorrendo, pois ele se propunha a levar os indivíduos a analisar a si mesmos e a considerar o intelecto como essencial para o entendimento do mundo. Isso nos induz a concluir que esse autor foi de suma importância para o século XIII, uma vez que seus ensinamentos na Universidade de Paris mostravam que o primordial era o indivíduo, reflexivamente, fazer uma análise sobre a Escritura Sagrada, para seguir seus ensinamentos.

Dessa forma, conforme suas explicações, os homens fariam uma reflexão sobre as questões sociais que estavam prevalecendo e compreenderiam que, para a paz individual e coletiva, era fundamental que os valores cristãos fossem seguidos.

REFERÊNCIAS

- BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Escritos Filosóficos-Teológicos*. Trad. De Boni, L. A. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

BOUGEROL, J.G. *St Bonaventure: et La sagesse chrétienne*. France : Aux Éditions du Seuil, 1963.

DE BONI, L. A. Introdução. In: BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Escritos Filosóficos-Teológicos*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

DE BONI, L. A. De Abelardo a Lutero. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

OLIVEIRA, T. *As Universidades na Idade Média (séc. XIII)*. São Paulo/Porto: Ed. Mandruvá, 2005.

OZILOU, M. Introduction. In: SAINT BONAVENTURE. *Les six jours de la création*. Paris: Desclée/Clerf, 1991.

SAINT BONAVENTURE. *Les six jours de la création*. Paris: Desclée/Clerf, 1991.

SÃO BOAVENTURA. *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul : Livraria Sulina Editora, 1983.

SÃO BOAVENTURA. *Legenda Maior e Legenda Menor: vida de São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1979.

STEENBERGHEN, F. V.. *História da Filosofia- período cristão*. Trad. J.M. da Cruz Pontes. Lisboa: Gradiva, s/d.

Recebido: 10/03/2010

Aceito: 10/08/2010

Endereço de correspondência: Conceição Solange Bution Perin – Rua: Marechal Deodor, 530 – apto. 62 - CEP: 87030-020 – Maringá-PR - e-mail: sol_perin@yahoo.com.br.

Endereço de correspondência: Terezinha Oliveira – Rua: Floriano Peixoto, 436 – apto. 401 – CEP: 87030-030 – Maringá – PR - e-mail: teleoliv@gmail.com